

Evento decorreu em Lisboa e serviu para homenagear Odette Ferreira:

Comemoração dos 25 anos do Programa Troca de Seringas

A Estufa Fria, em Lisboa, foi palco da sessão comemorativa dos 25 anos do Programa Troca de Seringas, iniciativa organizada pela DGS e SPMS e que serviu ainda para homenagear a Professora Maria Odette Ferreira, grande mentora e impulsionadora do programa.



Raquel Duarte, Secretária de Estado da Saúde

Prova-se aqui a eficácia e os motivos do reconhecimento internacional do modelo português de prevenção e redução de riscos na área da toxicod dependência... Pergunto-lhe, refletindo uma pro-

cupação universal face ao futuro, como se encontra atualmente a questão organizativa em torno do SICAD e das várias estruturas de intervenção?

A estratégia vai manter-se, vai estar em análise e não posso, nesta altura, dar-lhe mais detalhes sobre o assunto. Mas garanto-lhe que as coisas estão em análise e em evolução.

São efetivamente 25 anos de troca de seringas mas seria redutor falar apenas deste programa...

Há muita coisa... Quando abordamos uma doença como o VIH, temos que pensar na promoção da saúde, na prevenção, no tratamento... em todas as vertentes. Obviamente, o Programa Troca de Seringas Klotho e outros são estratégias fundamentais. Chegar às populações que têm pior acesso aos cuidados de saúde é fundamental, bem como tudo o resto. Temos que pensar nos três eixos desta abordagem da doença, sempre!

Em que medida continua a prevenção a constituir o parente pobre da nossa intervenção nacional em saúde?

Não, nunca será um parente pobre. A prevenção será sempre uma das principais metas, bem como a promoção da saúde.

A Portugal foi atribuída a presidência do Grupo Pompidou... Que comentário lhe merece esta distinção?

Para nós, representa um grande orgulho mas igualmente um sentido de grande responsabilidade. Temos, de facto, muito boa experiência, precisamente na prevenção, na promoção, na redução do estigma associado às dependências, somos olhados pelos outros países como um bom exemplo, temos muito para mostrar, para discutir e igualmente um grande caminho a percorrer.

O que espera da próxima Lisbon Addictions, mais uma grande organização que adotou o território português como palco?

Este tipo de reuniões é muito bom para a partilha de experiências, de dificuldades, identificação de novas estratégias... Espero tudo!





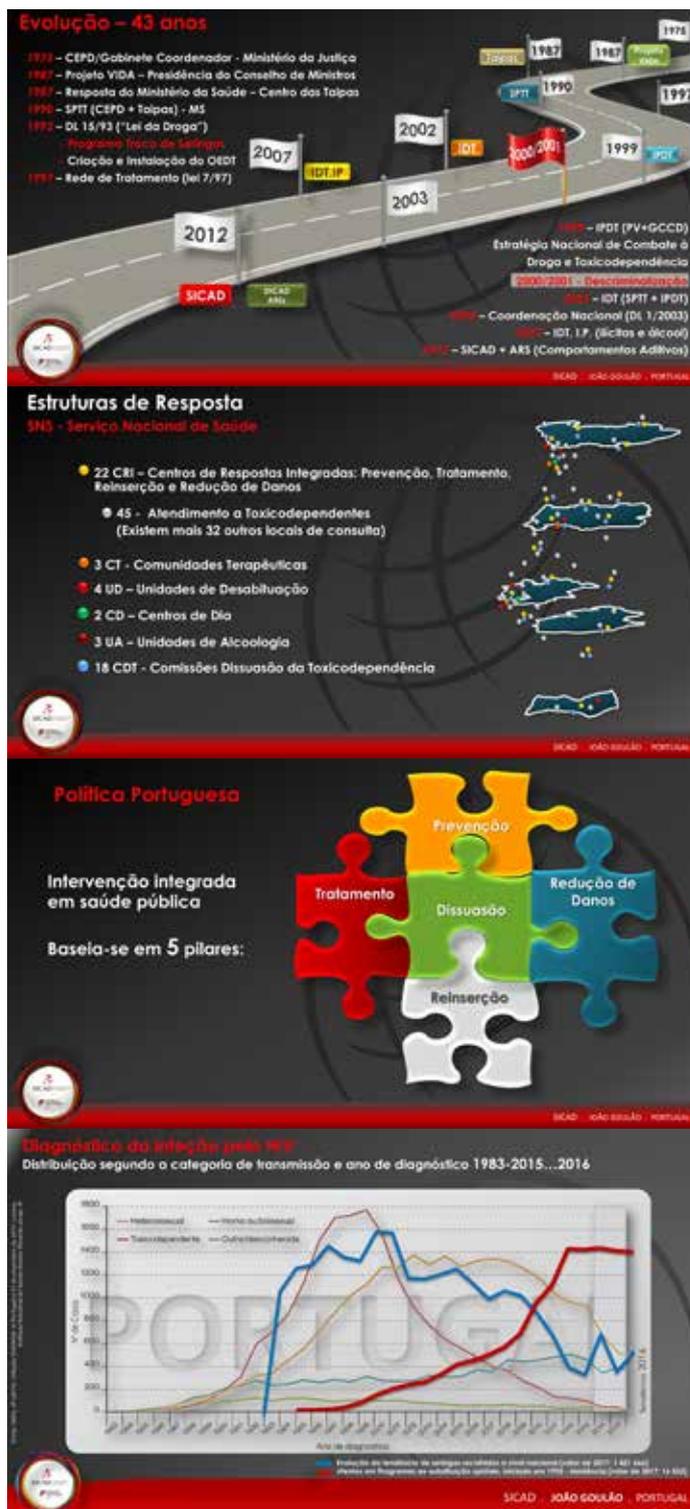
João Goulão, Diretor-Geral SICAD

Programas Klotho, Troca de Seringas, Centro de Terapêutica Combinada... Falamos de iniciativas e intervenções cujas origens nos remetem para o antigo IDT... Os resultados dessas intervenções, no âmbito de respostas integradas, são os esperados?

Penso que sim. A evolução dos números, que eram perfeitamente devastadores, foi muito significativa e positiva quando a intervenção nesta área dos cuidados dirigidos aos utilizadores de drogas passou a ser mais estruturada e mais integrada, quando houve o desenvolvimento de uma série de respostas, seja de tratamento, conseguindo chegar a todos aqueles que se mobilizavam para isso, mas também o desenvolvimento de uma rede de cuidados ao nível da RRMD. Este Programa Troca de Seringas, que hoje aqui celebramos, é uma das componentes essenciais e contribuiu para a inversão dos números desastrosos que tínhamos porque, em boa verdade, o Programa Troca de Seringas não se limita a isso mesmo... O momento da troca, todos os contactos com profissionais de saúde, aos mais variados níveis, foram sempre aproveitados para promover a educação dos utilizadores de drogas e para diminuir as suas práticas de risco, havendo outros fatores que se somam: a difusão, o alargamento e a fácil acessibilidade aos programas de manutenção opiácea contribuíram também, por um lado, para diminuir a compulsão ao uso em qualquer circunstância, aumentaram a adesão às terapêuticas anti-retrovirais, tuberculostáticos, etc, porque passou a fazer-se a administração simultânea dos fármacos para essas doenças com a administração de metadona, o que aumentou imenso a compliance terapêutica, contribuiu decisivamente para diminuir a carga viral global circulante e, como tal, a probabilidade de as pessoas contraírem as infeções. A fácil relação e interpenetração entre as estruturas de redução de danos e as de tratamento, de acordo com as fases do ciclo de vida em que as pessoas se encontravam resultaram numa abordagem integrada e integral da pessoa, com a promoção de atividades tendentes à sua reinserção... Tudo isto, enquadrado por um quadro legal que favorece uma abordagem do ponto de vista da saúde pública, faz do modelo português um modelo original e, como tal, objeto de enorme curiosidade.

Terão sido estes resultados, aliados às características de pragmatismo e humanismo que mediam a intervenção, que levaram a este reconhecimento com Portugal a presidir ao Grupo Pompidou?

Sim, penso que é fundamental... Portugal goza, de facto, de um enorme prestígio internacional e foi quase um corolário lógico a nossa eleição para a presidência do Grupo Pompidou do Conselho da Europa, uma instância extremamente importante, que extravasa largamente as fronteiras da UE e nos permite envolver alguns países que foram deixados para trás nesta evolução da abordagem de saúde pública. Temos essa responsabilidade de partilhar o nosso modelo, não pretendendo impô-lo a ninguém mas mostrando que funcionou, mostrando os nossos resultados e a evidência científica que fomos produzindo ao longo dos anos. É isso que nos leva a estes lugares... Não foi por acaso que, eu, enquanto representante de Portugal, exerci a presidência do OEDT durante dois mandatos, não é por acaso que Portugal é agora eleito para o Grupo Pompidou e não é por acaso que somos chama-



dos a visitar os quatro cantos do mundo e somos visitados pelos mesmos. Voltando à questão que hoje nos convoca, é mais uma originalidade, entre as várias que temos e partilhamos. Recordo que o envolvimento das farmácias comunitárias neste Programa Troca de Seringas é um ovo de Colombo que se deve a uma visão inovadora da Professora Odete Ferreira. Outras pequenas coisas que parecem menores mas que não o são, como o envolvimento do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos na produção de metadona, a distribuição por todo o país sob custódia militar deste produto, evitando que tenhamos que recorrer a empresas de segurança para a realização desse transporte... Houve aqui alguns passos verdadeiramente inovadores e até revolucionários e confesso que tenho um enorme orgulho por, ao longo dos últimos anos, ter sido a face mais visível desta enorme equipa e de dar a cara pela mesma, mas reforço que estamos perante um enorme coletivo de profissionais empenhados a quem se deve o desenvolvimento do modelo português.



Paulo Cleto Duarte, Presidente da Associação Nacional das Farmácias

Sei que viveu e partilhou muito com Maria Odette Ferreira... Era uma mulher “difícil”?

Era uma mulher fácil quando se compreendia... Era uma mulher complexa, mais do que difícil. Mas era uma pessoa muito simples de se lidar porque se preocupava bastante connosco, preocupava-se genuinamente com as pessoas e só era complexa de lidar quando não conseguíamos compreender o que queria. Aí sim, podia ser um pouco mais persuasiva na forma como se relacionava connosco.

É comum atribuir-lhe o desígnio de pequena grande mulher...

Era uma grande grande mulher. Uma mulher cheia de forças e determinação, que via o mundo com olhos diferentes e que, acima de tudo, tinha uma consciência humana pouco normal e que preservou sempre a sua liberdade.

Foi o seu pensamento visionário que a levou a protocolar com as farmácias este Programa Troca de Seringas, num contexto de alto estigma?

Sim, diria que demonstra duas coisas: visão – ver o que os outros não vêem antes do próprio tempo – e capacidade de concretizar.

Hoje, parece fácil quando se apresenta aqui o sucesso...

Foi muito difícil, muito complexo. Recuar a 1993 e falar sobre um conjunto de temas, como tratar os toxicodependentes como doentes e a toxicodependência e o VIH como uma doença normal é um regresso ao passado que, quando a maioria de nós o faz, não acredita que fosse possível. Torna-o ainda mais importante pelo tempo em que foi criado porque evitou muitos milhares de infeções pelo VIH e há milhares de portugueses que estão hoje connosco graças ao programa.

São alianças como esta que sustentam uma das suas aspirações, que as farmácias representem os cuidados continuados em saúde?

Exatamente, a rede de cuidados de saúde primários mais valorizada pelos portugueses é isto: aproveitar a proximidade e a rede das farmácias para resolver problemas concretos de saúde. O Programa Troca de Seringas, em paralelo com o Programa Nacional de Vacinação, são os dois maiores programas de saúde pública do país.

Haverá SNS sem as farmácias?

Estão intrinsecamente ligados. Temos uma relação simbiótica. O SNS não existe sem as farmácias e estas não existem sem o SNS.

